

4

O Estudo de Campo

4.1 – Ouvindo as famílias com adolescentes

A partir do contato com famílias cujos filhos estão na adolescência, observamos a presença de queixas sobre a desorientação e a dificuldade de lidar, de se relacionar e de entender os adolescentes, sendo esses os principais pontos abordados nas sessões de atendimento às famílias.

Diante das características do mundo contemporâneo, em um grande centro urbano, como é o caso do Rio de Janeiro, chamam-nos a atenção os aspectos sócio-históricos e culturais. Somado a isso, surgem as queixas familiares a respeito tanto de seus filhos adolescentes como da forma de se relacionarem com eles.

A partir de então, objetivamos ouvir o que as famílias com adolescentes pensam e sentem a respeito dessa fase, utilizando como base metodológica, a análise do discurso desenvolvida por Nicolaci-da-Costa (2007). O MEDS (Método de Estudo do Discurso Subjacente) é um método exploratório de pesquisa no qual avalia o discurso dos entrevistados, as sensações e as impressões da pesquisadora.

Apresentamos, neste capítulo, o desenvolvimento da pesquisa de campo realizada com sete casais, pais de adolescentes, moradores da zona sul do Rio de Janeiro. Primeiramente, definimos os objetivos que direcionam a pesquisa de campo, os participantes e os procedimentos metodológicos aplicados, para, posteriormente, analisarmos e discutirmos os dados coletados.

4.2 - Objetivo

Diante do contexto referido, nosso principal objetivo é o de investigar a família com adolescentes, focalizando a percepção dos pais sobre a adolescência dos filhos no mundo contemporâneo. Abordamos, ainda, a vivência dos pais em suas próprias adolescências, buscando as ressonâncias entre as gerações. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa com o

objetivo de ouvir as famílias com adolescentes, tentando compreender através delas, como estas gerações se encontram, desencontram-se e/ou confrontam-se.

4.3 – Participantes

Realizamos entrevistas com sete casais, pais de adolescentes, com idades entre 40 e 65 anos, casados, que coabitam com os filhos, cuja faixa etária está entre os 15 e os 21 anos. Todos os casais são moradores da zona sul do Rio de Janeiro, pertencentes à classe social média e média-alta da sociedade carioca. Seus filhos estudam em escolas particulares da zona sul ou cursam os primeiros períodos de faculdade pública ou privada.

Considerando o ciclo de vida da família com adolescentes em um mundo repleto de mudanças, elegemos esta faixa etária como objeto do nosso estudo. Optamos por entrevistar conjuntamente o casal de pais, isto é, o casal parental. Assim, também visamos a analisar a interação do casal, no tocante à percepção da vivência dessa etapa da vida familiar.

A seguir, descrevemos algumas características dos casais entrevistados e a respectiva composição familiar, para que possam ficar mais claros a análise e o entendimento dos dados, que explicitamos adiante. Para mantermos a identidade dos entrevistados em sigilo, escolhemos apresentá-los com nomes fictícios.

C1 – A família do casal 1 (C1) é composta por Maria (52 anos), Hélio (53 anos) e três filhos. Maria é professora de química e Hélio é engenheiro mecânico. A filha mais velha tem 19 anos e está no segundo período da faculdade de engenharia. O filho do meio, de 18 anos, ingressou no primeiro ano de engenharia, no início de 2007. O filho mais novo do casal tem 16 anos e encontra-se cursando o ensino médio.

C2 – A família do casal 2 (C2) é composta por Bianca (50 anos), Guilherme (51 anos) e duas filhas. Bianca é professora e Guilherme é economista. A filha mais velha tem 20 anos e cursa o segundo ano da faculdade. A mais nova de 17 anos está no colégio, preparando-se para o vestibular.

C3 – A família do casal 3 (C3) é composta por Carolina (47 anos), Rubens (48 anos) e um casal de filhos. Carolina é administradora de imóveis e Rubens é empresário. O filho mais velho tem 18 anos e a menina tem 16. Os dois ainda frequentam a escola, mas o mais velho prepara-se para o vestibular.

C4 – A família do casal 4 (C4) é composta por Cristiana (40 anos), Rafael (44 anos) e um casal de filhos. Cristiana é do lar e Rafael é comerciante. O filho mais velho tem 17 anos e está preparando-se para o vestibular, enquanto a filha mais nova, de 14 anos, cursa o ensino fundamental.

C5 – A família do casal 5 (C5) é composta por Juliana (40 anos), Leonardo (42 anos) e um casal de filhos. Juliana é professora e dona de academia e Leonardo é empresário. A filha mais velha tem 16 anos e está no ensino médio, enquanto o mais novo tem 14 anos e cursa o ensino fundamental.

C6 – A família do casal 6 (C6) é composta por Mariana (42 anos), Gustavo (46 anos) e duas filhas. Mariana é professora e Gustavo é diretor administrativo de uma universidade particular. A filha mais velha tem 18 anos e prepara-se para o vestibular, enquanto a mais nova tem 16 anos e ainda cursa o ensino médio.

C7 – A família do casal 7 (C7) é composta por Fernanda (56 anos), Marcelo (65 anos) e uma filha. Fernanda é advogada, assim como Marcelo. A filha do casal tem 18 anos e inicia, no segundo semestre de 2007, o primeiro período da faculdade de direito.

Na apresentação da análise do discurso, as falas dos entrevistados aparecem entre aspas e são identificadas com o nome e o número relativo ao casal.

4.4 – Procedimentos da pesquisa e coleta de dados

Para analisar o discurso dos pais de adolescentes, utilizamos o MEDS (Nicolaci-da-Costa, 2007). O Método de Explicitação do Discurso Subjacente, emprega noções da teoria psicanalítica e da lingüística e caracteriza-se por

englobar não apenas os dados colhidos, mas também as observações e impressões que o entrevistador de campo tem sobre o estudo proposto. Desse modo, ele alia a concepção da língua a um contexto – o discurso.

A coleta de dados, descrita pelo MEDS como um procedimento importante, é realizada através de entrevistas presenciais, com ambos os pais, na casa do casal, por escolha dos mesmos. No primeiro contato telefônico, com o intuito de fornecer aos entrevistados o local que lhes fosse mais confortável e visando a propiciar um ambiente de acolhimento e de tranqüilidade, é perguntado a cada casal onde eles gostariam de marcar a entrevista.

O roteiro, criado por nós (anexo 1), consta de oito perguntas abertas. Ele, considerado um “roteiro invisível”, é elaborado como um norteador. Sua proposta é permitir que os entrevistados falem de forma espontânea sobre o que pensam a respeito do tema, previamente determinado pelo entrevistador na elaboração do roteiro.

Com o intuito de demonstrar a seriedade do estudo de campo e o compromisso ético do mesmo, a pesquisa é apresentada no primeiro contato feito com o casal e no ato do encontro. É apresentado um termo de consentimento informado. Somente após a leitura, o esclarecimento das dúvidas e a assinatura do termo pelo casal, a entrevista é iniciada.

Após a coleta dos dados, as entrevistas são transcritas na íntegra, tal como o MEDS (Nicolaci-da-Costa, 2007) indica. Na transcrição, as falas dos entrevistados não devem sofrer alterações para que não influencie a análise do discurso dos participantes. Após a fiel transcrição, lançamos mão da análise de discurso para avaliar como os entrevistados se posicionam em relação ao tema abordado. A análise dos dados coletados está dividida em duas etapas. A primeira, refere-se à análise inter-participantes. A segunda, diz respeito à análise intra-participantes. A análise inter-participantes consiste em uma visão ampliada da amostra. Assim, é possível delinear as respostas comuns, as tendências centrais dos resultados e levantar categorias a serem analisadas.

Já a análise intra-participantes caracteriza-se pelo exame individual do discurso de cada participante. Nesta etapa, é possível identificar conflitos, contradições, novos usos de linguagem e novos conceitos existentes no discurso dos entrevistados. Além das identificações obtidas através da análise

inter-participantes, o MEDS (Nicolaci-da-Costa, 2007) privilegia o que é percebido pelo entrevistador, além das falas gravadas. De acordo com o Método de Estudo do Discurso Subjacente, as emoções, os incômodos, as discussões, mesmo inesperadas, são importantes aspectos a serem observados e descritos na análise dos dados. O método possibilita, ao considerar tanto as falas como o seu contexto, a obtenção de resultados que incluem a análise dos dados e a posição da entrevistadora frente a esse discurso.

Após o cruzamento dos dados encontrados em ambos os estudos – inter e intra-participantes –, levantamos algumas categorias. A seguir, as categorias são explicitadas com o intuito de aprofundarmos a compreensão sobre a família com adolescentes na contemporaneidade e na visão dos pais. Para tal, apresentamos a análise e a discussão dos dados encontrados.

4.5 – Análise das entrevistas e discussão dos resultados

4.5.1 - O impacto dos entrevistados frente à situação da entrevista

Quando perguntados sobre a disponibilidade de responder às perguntas da pesquisa, é dito ao casal que as perguntas referem-se à relação entre pais e filhos. Deste modo, o impacto, percebido pela entrevistadora, é visto no modo como o tema delinea-se, para os casais entrevistados, como um assunto surpreendente.

Depois da primeira pergunta *“Como vocês estão vivenciando o momento atual do desenvolvimento dos filhos de vocês?”*, seis dos sete casais entrevistados reagem demonstrando surpresa. Através de sorrisos, troca de olhares entre os membros do casal, repetição da frase perguntada, expressões faciais e expressões verbais, pode-se notar a surpresa diante do tema, tal como os exemplos abaixo.

“Pergunta complicada essa... como nós estamos vivenciando...?”

(C1)

“é... o que posso dizer..?”

(C2)

“Complicado...” (sorrisos e troca de olhares)

(C3)

Pode-se pensar que a surpresa, expressa pelos casais, refere-se à complexidade e à dificuldade de falar sobre o tema estudado.

Diferentemente dos seis casais que se surpreendem inicialmente, C5 demonstra que as perguntas apresentam-se complexas no decorrer da entrevista. Juliana diz de forma descontraída:

“Você está fazendo perguntas muito difíceis...” (risos)

Parece-nos que o humor utilizado pela entrevistada é uma forma de lidar com a dificuldade de abordar o tema.

Outra situação que se delineia como importante, conforme as impressões da entrevistadora em relação ao casal de pais dos adolescentes, é o interesse pela conclusão do trabalho. Quando encerrada a entrevista, cinco dos sete casais entrevistados demonstram muito interesse nos resultados da pesquisa. Mostram-se muito interessados no teor da pesquisa e alguns deles solicitam-nos a cópia do trabalho, depois de finalizado.

“Acho que esse trabalho deve ficar muito interessante... depois avisa para a gente quando ficar pronto. Vai ser legal ver o que você concluiu”. (C2)

“Espero ter podido ajudar você... depois me manda o resultado do seu trabalho para a gente melhorar o relacionamento com nossos filhos... queremos melhorar sempre... quem sabe você não dá uma dica na conclusão?”

(C3)

Este fato pode demonstrar, a nosso ver, uma certa dificuldade no relacionamento e na educação dos filhos adolescentes. Os pais mostram-se

interessados em obter respostas frente a algo que pode trazer dificuldades para eles. Talvez, o casal visse na figura da entrevistadora, especializada no assunto, a possibilidade de obter respostas às suas dúvidas, dificuldades e inseguranças.

Além dessa atitude, os membros do casal mostram interesse de que a entrevistadora conheça seus filhos pessoalmente ou através de fotos. Ora ao final da entrevista, ora no meio dela, buscam fotos ou os próprios filhos, tentando, a nosso ver, uma intimidade entre a família e a entrevistadora, já que os aspectos abordados relacionam-se com eles de forma tão íntima.

4.5.2 – Impressões da entrevistadora frente à situação de entrevista.

Como explicitado pelo MEDS, a situação de entrevista tem, para a pesquisadora, uma função diferenciada. O olhar, o entendimento e as palavras soam, para quem está no trabalho de campo, de uma maneira peculiar. O interesse pelo tema une-se à experiência de realização da entrevista. Esse tópico, portanto, destina-se à exposição das relevantes, importantes e interessantes observações da entrevistadora frente à situação de entrevista.

Como mencionado anteriormente, o roteiro invisível é o norteador para o contato com os casais entrevistados. As perguntas do roteiro não se referem à expressão adolescente ou adolescência – importante tema dessa dissertação. Contudo, a expressão apresentada aparece, espontaneamente, em todas as entrevistas realizadas. Mesmo nas falas dos casais que possuem filhos com idades mais avançadas como 18, 19 e 20 anos, o termo adolescência foi escolhido para abordar o momento atual do desenvolvimento de seus filhos. Porém, no transcorrer da entrevista, os casais, muitas vezes, denominam a fase como juventude ou reportam-se ao grupo dos jovens. Esse dado evidencia a dificuldade de expressar um termo preciso que defina as características dessa fase do desenvolvimento dos filhos, tal como delineado no primeiro capítulo.

Outro fato que nos chama a atenção é que, em todos os casais entrevistados, os homens falam muito mais do que as mulheres. Mesmo as perguntas sendo direcionadas ao casal, percebemos que os homens falam, espontaneamente, por um longo período de tempo e com muita satisfação.

Esse fato pode demonstrar a diferença, elaborada nos capítulos anteriores, entre a sociedade tradicional e a contemporânea. Na sociedade tradicional, a mãe dedica-se ao cuidado dos filhos. É a ela que se destina o zelo e também as dificuldades e os questionamentos que o crescimento deles pode suscitar. O pai não sabe o que se passa com os filhos. Ele é apenas a figura de autoridade e de poder. Nas famílias entrevistadas, a figura paterna, diferentemente dos tempos tradicionais, pode questionar-se, revelar-se e expor opiniões a respeito dos filhos, não mais destinando essa função unicamente à mãe.

Diante das várias mudanças relacionadas aos novos papéis familiares, como o ingresso da mulher no mercado competitivo de trabalho, a opção do sexo por prazer para as mulheres, à pílula anticoncepcional, dentre outros aspectos, a figura paterna pode demonstrar, em sua atitude, a transformação da sua função na família contemporânea. Será que, por meio desse intenso discurso paterno, esta é uma forma de os homens demonstrarem que eles também entendem e se interessam por sua família? Analisamos uma possível resposta a este comportamento, observado nas entrevistas realizadas, que pode apontar para uma diferença significativa do modelo tradicional, evidenciado nos séculos passados.

É importante mencionar também que as entrevistas realizadas fazem emergir questões relacionadas ao casal parental, ou seja, à condição do casal como pais. Durante as falas dos entrevistados, somente dois dos sete casais referem-se à relação do casal como casal conjugal – relação entre os membros como homem e mulher. Esse fato mostra-se muito interessante e importante para nós pesquisadoras, apresentando-se como um dado. Nessa dissertação, porém, apresenta-se apenas como possibilidade de um trabalho futuro, no qual poderemos questionar: como se dá a influência entre o casal conjugal e o casal parental, no ciclo de vida com adolescentes?

4.5.3 – Categorias de análise:

1) Definição de adolescência na visão dos pais

Em todos os casais participantes, notamos que há dificuldades em definir a adolescência. Ora os pais utilizam o termo jovem, ora adolescente,

evidenciando dificuldades na caracterização dessa etapa do desenvolvimento de seus filhos. Na literatura, há também uma multiplicidade de termos empregados tais como puberdade, adolescência e juventude. Levi e Schmitt (1996) afirmam que a “juventude é algo irreduzível a uma definição estável e concreta” (p. 8). Tal como afirma Ruffino (2006), a juventude é definida como “a expressão do cenário social do conjunto dos sujeitos humanos que estão às voltas com o processo psíquico da adolescência, o que inclui o púbere, depois o chamado *teen-ager*, e também o jovem adulto” (2005, p.11). Desse modo, conforme ilustram os fragmentos abaixo, os dados colhidos em nossa investigação corroboram os trabalhos dos autores acima.

“Eu, que tenho contato com bastante jovem, tô bastante satisfeito com o que a gente vem desempenhando... eu fiz um seminário para os jovens da escola delas e falei de esportes, como os jovens deveriam se comportar nos ambientes... o adolescente é assim mesmo... tem muita informação e pouca atitude”. (Gustavo, C6)

Tal como designados nos dicionários, na literatura específica e ressaltados pelas falas dos entrevistados, as noções de adolescência e de juventude englobam aspectos dinâmicos. Esse aspecto, observado por nós, denota a dificuldade de caracterizar precisamente a adolescência, não apenas encontrada na literatura, mas também na fala dos pais entrevistados, pois ambos os conceitos – adolescência e juventude – aparecem como sinônimos.

De acordo com a discussão apresentada no primeiro capítulo, frente à literatura específica sobre a adolescência e aos dicionários de Língua Portuguesa, percebemos que há um desencontro no tocante às respostas parentais a respeito das idades que compreendem a adolescência. Para os pais entrevistados, essa dificuldade também é sentida e expressa verbalmente.

“A adolescência hoje pode ser definida como a falta de compromissos mais sérios, um momento de descobertas do mundo, novas experiências, momento que compreende dos 14 aos 20 anos de idade. (Carolina, C3)

“Ah... eu ia puxar para os 14 anos... indo até os 21 anos. É muito bom ser adolescente hoje”. (Rubens, C3)

“Acho que a adolescência vai até perto dos 30 anos... deveria ser um período de passagem entre a infância e a vida adulta, mas não é mais isso, ela se estende, vai se alongando e se torna longo demais. Os filhos ficam na casa dos pais com uma estrutura ótima e ainda ganham mesada (...) os pais ainda dão mesada..”. (Mariana, C6)

A faixa etária que compreende a adolescência é um dos aspectos que dificulta a sua caracterização, evidenciando a complexidade dessa noção. Notamos que os membros do casal divergem quanto à faixa etária que caracteriza a adolescência. Nesse sentido, consideramos que as características da contemporaneidade vêm aumentando a desorientação dos pais e a descontinuidade entre as gerações, o que contribui para a dificuldade na caracterização desse período de desenvolvimento.

Aberastury (1966), Knobel, Perestrelo e Uchoa (1981) definem, de forma didática, a fase adolescente e os aspectos que a contém. Aspectos elucidados por esses autores como característicos dessa fase são mencionados por alguns casais entrevistados (quatro).

“Eu acho que a adolescência faz você pensar. Porque realmente é diferente, ele não tem medo de nada, aposta em tudo, ama todos (...) te ama para cima e para baixo. Não tem responsabilidades quase nenhuma, só com o estudinho deles. É um desafio e uma coisa maravilhosa! A adolescência é um momento de definição mesmo. Porque é nesse momento em que você experimenta várias sensações: acontece o sexo, as drogas e o álcool... Mas é na adolescência que você tem vergonha de dizer não (...) quando você é adulto, fica mais fácil dizer não, tô fora! O adolescente, de repente, entra no grupo... ai... é um momento de definir a personalidade, tem muita mudança corporal, é um momento de definição e de transição que define muito o que vai ser o futuro..”. (Juliana, C5)

“É uma fase de preocupação, muita preocupação. Uma fase da vida que tem um limite... chega a responsabilidade profissional, de formação, de estudo”.
(Rafael, C4)

Como percebido acima, as mudanças corporais, a falta de compromisso, a chegada da responsabilidade, a definição da personalidade e a identificação grupal são alguns aspectos mencionados pelos autores que se dedicam à adolescência e também pelos pais sobre a definição dessa fase. Os casais C4 e C5 apontam essas características de forma nítida.

A busca da identidade individual é um aspecto apontado por Aberastury (1966) na fase adolescente. A aceitação do grupo, em que o adolescente pretende ser reconhecido, apresenta-se como uma tendência natural do processo de individuação. Nesse sentido, as identificações grupais apresentam-se na fala de três casais entrevistados como algo natural e também presente na geração dos pais, quando adolescentes. Contudo, para um dos casais entrevistados, as variações dos grupos podem ser assustadoras.

“Em uns 5 anos que ela fazia parte do MAP, você sabe o que é MAP? Esses meninos que andam de preto. Tem até em uma comunidade na internet... mas não tem nada demais, são pessoas que gostam de desenho japonês. Ela passou por essa fase e já está em outra. Graças a Deus porque ela só vestia preto. Era horrível.” (Bianca, C2)

“Isso assusta porque é um comportamento diferente do nosso tempo. No nosso tempo, era o playboy. Essa coisa assim, mais para cá. Esse comportamento de cortar os cabelos ou cortar só com aquela coisa (...) moicano, andar toda de preto, usar aquelas botas de cano alto. Eu acho feio aquilo... Mulher tem que estar bonita, por outro lado, não assim, grotesca...” (Guilherme, C2)

Podemos pensar que essa diferença, que pode assustar a esse casal de pais, apresenta-se como a distinção entre as gerações e entre o tempo vivido e o tempo atual. Esse tempo atual é novo, pois se encontra na interseção do

tempo conhecido (vivido) e do tempo desconhecido (atual). Ao mesmo tempo em que os pais reconhecem que a tendência grupal é necessária, estranham os novos grupos que se formam em um novo momento, o da contemporaneidade. O impacto do casal parental, frente a essa diferença, pode significar o descontrole frente ao novo, ao desconhecido e também certa desorientação diante de mudanças que se impõem às relações familiares.

Como analisamos nos capítulos anteriores, a adolescência pode ser considerada um período de crise, momento de profundas mutações, questionamentos e incertezas. Dolto (2004) aponta que a adolescência é uma fase de mutação: “é uma idade frágil, mas também maravilhosa” (p. 19). Os lutos a serem elaborados, os novos desafios, as mudanças corporais e as exigências externas, para o sujeito que se direciona à vida adulta, também compõem a fase complexa que o adolescente vivencia. Contudo, os sentimentos da adolescência são apontados apenas por uma mãe (Maria, C1).

“Eles (os adolescentes) querem tanta coisa... eu acho que é uma busca muito grande... a satisfação, não sei se de felicidade... aquela coisa idealizada e, às vezes, acho que eles sofrem mais. Eu não estou falando deles conosco, estou falando deles com eles mesmos... Eu acho que eles se questionam mais..”.
(Maria, C1)

Este fato nos chama atenção, pois seis dos sete casais entrevistados não se detêm, em momento nenhum, nos sentimentos dos filhos, ou seja, não abordam diretamente a complexidade das emoções envolvidas nessa fase do desenvolvimento, que são tão importantes para a constituição subjetiva dos adolescentes.

As diferenças entre os comportamentos, que caracterizam a fase adolescente, são apontadas por quatro casais entrevistados de forma espontânea. Como afirma Dolto (2004), os pais que vivenciam a adolescência dos filhos revivem as suas adolescências. Para a autora, esse é um momento fundamental, tanto para os pais e os filhos individualmente quanto para a relação entre eles. Os pais identificam-se com seus filhos, lembrando-se dessa

fase em suas vidas, e sentem-se, segundo a autora, frágeis e desamparados. Nessa fase do ciclo de vida da família, outros aspectos são atualizados para pais e filhos, tal como o envelhecimento do corpo dos pais e a constatação da finitude de suas vidas com o envelhecimento e possível morte de seus pais.

Como vimos, Sarti (2004) afirma que o adolescente é visto como um problema para os adultos. Ela indica que o lugar designado ao adolescente pode ter dois destinos: ser o objeto de expectativas dos pais, tendo o rumo de vida traçado previamente, e ser a negação das questões dos pais, pois o desejo do casal parental é que o filho suprima aquilo com que eles não conseguem lidar, pois não sabem como fazê-lo.

“Eu era bem mais quieta, eles são muito agitados... gostam de badalação, festa, sair, amigos... eu era bem.. bem menos. Eu sempre gostei de dormir cedo, acordar cedo, correr.” (Juliana, C5)

“Eu acho que a gente tinha muito mais jogo de cintura do que eles... apesar deles terem mais recursos do que a gente, né? A mídia, eletrônicos, de tudo, né?” (Mariana, C6)

“Eu acho é a influência externa que a gente tem, que o jovem tem de fora é muito grande, por exemplo, na nossa época, uma, duas horas da manhã era tarde porque a noite começava às nove da noite então... e todo mundo tinha aquela cultura da praia. A praia era uma coisa obrigatória do carioca. Hoje em dia, se der tempo, vai à praia, se não der (...) Porque a noite começa uma hora da manhã e termina às seis (...) e tem que dormir até tarde...” (Gustavo, C6)

A partir das falas dos casais, fica nítida a tendência à comparação entre a adolescência dos pais e a de seus filhos. Nessa comparação, surgem os aspectos sociais, comportamentais e emocionais. Para alguns pais, as comparações tecidas sobre a adolescência dos filhos é apontada como algo negativo. Podemos pensar que essa negatividade da adolescência dos filhos pode ser uma forma de os pais darem um destino que atenuie suas inseguranças e desorientações. Além disso, por meio dessa postura crítica, os

pais podem se distanciar daquilo que, de algum modo, desperta alguma mobilização neles próprios.

2) Valores: Herança Geracional

É importante ressaltar que a comparação geracional permeia todas as respostas dadas pelos casais. Em algum momento da entrevista, todos os membros dos casais explicitam essa comparação.

“Na minha época, era diferente...”.

Essa comparação aparece junto à expressão descrita acima, denotando, na fala dos casais entrevistados, as diferenças entre as gerações de pais e de filhos.

As famílias possuem suas próprias leis e regras que fazem parte de um sistema herdado e desenvolvido por pais e filhos. Esse padrão de relacionamento varia de acordo com cada momento histórico, as expectativas e a singularidade de cada família. Esses aspectos são transmitidos de geração a geração. Dessa forma, os sentimentos envolvidos, principalmente na fase adolescente dos filhos, não se restringem apenas ao difícil processo de crescimento do adolescente, mas incluem os aspectos internos e também familiares de todos os membros da família, montando-se, assim, uma rede complexa de relações. Quatro dos casais entrevistados percebem a transmissão geracional de valores e se esforçam em aprimorar essa transmissão, tal como afirmam Carolina (C3) e Gustavo (C6).

“É lógico que vai passando de geração em geração e você tende a não repetir os erros dos nossos pais... eu tenho uma cabeça mais aberta do que a da minha mãe e eu tenho que chegar na idade da minha filha lembrando da minha época entendeu?” (Carolina, C3)

“Meus pais eram mais caretas. Meus pais eram mais rigorosos, então o que contrabalançava era assim (...) era a liberdade da minha mãe. Então, eles

traziam muito ainda, eu acho que a herança dos pais deles, esse negócio todo.” (Gustavo, C6)

No discurso dos pais de adolescentes entrevistados, são abordados os valores transmitidos e recebidos das famílias de origem. Os papéis, as organizações, as regras, as tradições, os valores e as normas familiares são derivados de experiências anteriores ao crescimento dos pais em suas famílias de origem. Acrescentam-se a isso os valores sociais atuais, os de suas famílias e as histórias familiares.

Para os casais C1, C2, C3 e C5, os aspectos descritos como valores transmitidos pela geração precedente e pelos pais dos adolescentes aparecem como a herança geracional. Todos os casais entrevistados mencionam aspectos herdados. Destacam-se valores como o trabalho, a amizade, a espiritualidade, a autoconfiança, a saúde, a escolaridade e a valorização dos bem materiais adquiridos.

“É... eu acho que a gente sempre soube passar o valor do dinheiro, o quanto a gente trabalha...”. (Maria C1)

“A melhor herança que se deixa para um filho é o estudo e ele (o pai) sempre falou para mim para não depender de dinheiro de ninguém...” (Bianca, C2)

“Esporte como algo para se obter autoconfiança e ficar bem com você. Não é fazer um esporte para agredir os outros. É uma filosofia de vida, de autoconhecimento, de se sentir bem. A luta passa esse valor.” (Rubens, C3)

“O esporte é muito importante, muito. O esporte, a atividade física, a pessoa gostar disso é muito importante na adolescência, eu acho. Acho muito importante, pelo menos eu tô falando de mim... Eu era atleta, então eu sabia que eu não podia fazer uma coisa ou outra porque eu tinha competição no dia seguinte... a noite, a bebida, eu não bebo, entendeu?” (Leonardo, C5)

“Damos condição, um bom colégio, tranqüilidade, um ambiente legal para eles conseguirem trilhar o caminho deles... a paz interior, né? A espiritualidade é importante, muito importante.” (Juliana, C5)

“Meu pai sempre acostumou a gente com isso e eu também sempre gostei de trazer gente para casa... ele gostava de casa cheia! Eu acho que eles vão pelo mesmo caminho. Eles têm muitos amigos. Acho isso importantíssimo.”(Leonardo, C5)

Esses valores são considerados pelo casal parental como o maior bem que pode ser deixado para a geração posterior e que, também, foi herdado de seus pais. Podemos entender a grande importância que esses valores possuem como uma resposta à sociedade contemporânea e às suas características. Para Bauman (2004), em uma sociedade em que os valores são descartáveis e líquidos, os pais parecem recorrer aos seus valores conhecidos e estáveis, como forma de assegurar alguma certeza frente ao momento que seus filhos vivem.

3) Diálogo, liberdade e controle

As relações familiares tradicionais, que são marcadas pela grande diferenciação e hierarquia entre pais e filhos, apresentam-se diferentes no mundo contemporâneo. Mães e filhos nas famílias tradicionais, cumprem as regras determinadas pelo pai e marido que vigora como uma figura de poder na família. Neste cenário, as mães dedicam-se aos cuidados e ao zelo dos filhos enquanto o pai, figura forte e autoritária, provê o bem-estar econômico do lar. A comunicação, o diálogo aberto e amigável, não faz parte das relações familiares tradicionais. Para todos os casais entrevistados, o diálogo aparece como uma diferença marcante entre as gerações. Contudo, ele é também uma importante forma de controle.

“Na nossa época os pais participavam muito menos da minha vida do que eu da vida deles (os filhos). Eu vivia muito a minha vida e não tinha essa participação. Hoje, com certeza o diálogo é muito maior... O relacionamento

entre pai e filho é muito mais próximo do que era. Eu nunca conversei sobre droga, sobre sexo com o meu pai, muito menos com a minha mãe. (Maria, C1)

“Eu com 18 anos nunca imaginei tomar um chope com o meu pai. Eu tomei depois dos 22 anos. Então hoje é diferente. Há uma liberdade maior do que você tinha naquela época. Você conversa, fala: pô, vamos tomar um chope? Vamos. Pai e filho tomando um chope é muito mais comum!” (Rubens, C3)

Os casais entrevistados notam uma significativa mudança no relacionamento entre pais e filhos e valorizam esse novo modo de se relacionarem em suas famílias. Porém, diante de um mundo mais livre, no qual as relações precisam ser readaptadas e ressignificadas, essa liberdade é usada também como controle para investigar os passos dos filhos e até os seus pensamentos. Assim, o diálogo é uma ferramenta atual de aproximação, cujo objetivo é o de penetrar na intimidade dos adolescentes.

Atitudes contraditórias, tais como a da liberdade e a do controle, aparecem no discurso dos casais entrevistados. Três dos sete casais apresentam essa contradição em suas falas. Esse comportamento é analisado por Mayerhoffer, Maris e Cardoso (2006) como uma das características da confusa tarefa de educar os filhos no mundo contemporâneo. Para as autoras, frente ao desamparo familiar que a contemporaneidade propicia, os pais agem ora com liberdade, ora cerceando o ir e vir dos adolescentes, tal como descreve Rafael (C4).

“Para quem tem uma criação como a gente dá, eu acho que é seguro. O problema é quem não tem aquela presença em casa, né? Que você domina e que conversa... Então, tendo isso, eu acho que tudo bem. Pode chegar a essa liberdade que pode controlar. Quem não conversa, quem não chega junto para ver o que tá acontecendo, é complicado... na escola, no dia-a-dia... Porque eles acabam fazendo o que querem. Agora, tá tranquilo, tá controlado. Daqui a dois anos eu não sei como vai ser...” (Rafael, C4)

A fala de Rafael (C4) demonstra a construção de limites, indispensáveis ao processo de desenvolvimento e, ao mesmo tempo, uma insegurança acerca do que o futuro do filho resguarda. Mesmo acreditando na postura controladora, há dúvida quanto ao sucesso dessa conduta, ou seja, constata-se que o controle pode, em algum momento, não ser tão eficaz.

Alguns dos casais (três) vêem as invenções tecnológicas como facilitadoras para o relacionamento familiar, ao passo que dois dos casais entrevistados apontam para a desvantagem que elas podem trazer.

Hintz (2007) analisa que a inserção de tecnologias pode ser utilizada como um instrumento facilitador de qualidade de vida e do relacionamento entre pais e filhos. Contudo, os mesmos instrumentos podem causar algumas dificuldades ao relacionamento familiar. O nível de exposição pessoal, os riscos, a privacidade e a intimidade da família, devido à utilização de recursos que tomam tempo, excluem outros modos de socialização, o que pode gerar um distanciamento entre os membros da família.

Os fragmentos das entrevistas, a seguir, referem-se às visões do mesmo casal. Enquanto Juliana fala das vantagens que os instrumentos tecnológicos trazem à vida familiar, Leonardo ressalta as dificuldades.

“Antigamente não existia celular. Hoje em dia o celular é uma facilidade... filha tá tudo bem? Tá. Ai!... ainda bem... tá tudo bem... mais uma hora de tranquilidade... depois de uma hora, ligo e pergunto de novo...” (Juliana, C5)

“Eu não agüento ver ele o dia inteiro no computador. Eu falo: vai pedalar, andar de bicicleta, vai fazer alguma coisa. Na minha época não tinha isso. Eu acho que era muito mais saudável. Eu fico agoniado quando ele fica o sábado inteiro no computador. E às vezes tem muita besteira. O computador invade a sua casa.” (Leonardo, C5)

Juntamente ao diálogo, instrumentos como o celular e a internet são adotados e valorizados, pois promovem o controle e a segurança em um mundo caracterizado como descontrolado e instável. Ao mesmo tempo em que as vantagens são reconhecidas, as desvantagens designam as características

da contemporaneidade e aparecem inseridas no contexto das comparações entre as gerações.

O sentimento de invasão, descrito acima por Leonardo, caracteriza tanto a diferença entre as gerações que são, de fato, invadidas por tamanhos avanços tecnológicos, quanto corrobora a literatura que aponta as possíveis dificuldades entre os membros da família.

Todos os casais entrevistados mencionam a amizade entre pais e filhos, propiciada pelo diálogo. Este é tanto um recurso necessário para essa relação, como um modo de controle.

Segundo as autoras que abordam esse tema (Marafon, 2005; Salles, 2005), as características do mundo contemporâneo, tais como a fluidez, as mudanças aceleradas e a valorização da juventude, resultam na perda dos referenciais e nas mudanças do relacionamento entre pais e filhos. Para Salles (2005), os pais disfarçam as suas idades com o discurso de aproximação e amizade entre eles e seus filhos; em consequência disso, há a diminuição da autoridade e do controle paternos.

“A gente procura sempre dialogar. Isso é fundamental hoje em ser pai. Na nossa época, os pais eram pais e filhos e hoje em dia é trazer para pais-amigos. Só que é difícil essa abertura.” (Rubens, C3)

“Tem que tá perto, tem que conversar, tem que tá pertinho, olho no olho. Não dá para mandar recado, tem que tá bem junto. Não pode deixar muito solto também não, tem que chegar durinho também... eu chego durinho. Eu sou o maior amigo, mas quando eu falo, eles me respeitam.” (Leonardo, C5)

Ao mesmo tempo em que é necessário dar limites, os recursos utilizados pelos pais, para tal objetivo, transformam-se de acordo com as características valorizadas socialmente. Desse modo, podemos pensar, a partir das falas acima, que a amizade entre pais e filhos pode ter algumas leituras. A primeira diz respeito à adequação e adaptação de uma nova forma de relacionamento e de vinculação proposta pela sociedade contemporânea. A segunda refere-se ao culto à juventude. Os pais aproximam-se de tal forma de seus filhos que se

misturam com eles. Dessa forma, não entram em contato com a realidade do corpo que envelhece e do percurso do seu ciclo de vida. Isso evidencia o valor hegemônico que a juventude possui na sociedade contemporânea.

4) Tecnologia

No contexto da contemporaneidade, os avanços tecnológicos e, principalmente, a facilidade do seu acesso, assumem um papel significativo para a família com filhos adolescentes. Dentre os casais entrevistados, todos se referem ao tema de forma espontânea.

Quando nos referimos à tecnologia, as mudanças a que a literatura se refere não dizem respeito somente às mudanças tecnológicas, mas também à velocidade das mudanças econômicas e culturais do cotidiano, caracterizando o mundo atual como incerto, incontrolável e assustador (Bauman, 2004). O caráter fluido das relações, diante de uma grande velocidade de transformações, marca uma modificação que influencia também as relações familiares.

“Hoje eles têm muito mais informação... têm tudo e muito... computador de última geração... Na nossa época não tinha essa facilidade e essa fartura de entretenimento que tem hoje.” (Leonardo, C4)

“O fato da internet, da televisão, isso tudo difundiu a comunicação de uma tal maneira, né? Hoje você sabe o que tá acontecendo do outro lado do mundo, né? No nosso tempo não tinha isso... hoje em dia as coisas acontecem muito mais rápido.” (Hélio, C1)

“A internet também é perigosa... o orkut é uma exposição da vida... todo mundo sabe o que você faz, onde você vai no final de semana, para onde você viajou... Então, a tua vida tá ali.” (Carolina, C3)

“Se você deixar o menino na frente do computador o dia todo, ele vai começar a ter tiques, irritação, eu já li reportagens sobre isso. Se você fica muito tempo

na frente do computador, você não dorme direito, você demora a pegar no sono. Atrapalha a parte do equilíbrio emocional.” (Carolina, C3)

“O adolescente hoje tem muita informação e pouca atitude, pouco espírito de sobrevivência. Tudo tá na mão deles, ou seja, tudo está na frente do teclado. Então, eles acham que para tudo é só recorrer ao teclado e quando sai dessa situação eles ficam completamente perdidos... eu sei como é isso.. eu tenho estagiários dessa faixa e eu sei bem como é...deu pau no sistema, ninguém sabe fazer nada... tá todo mundo perdido e ninguém sabe fazer nada... perderam os braços... então, é uma coisa impressionante... e é a mesma coisa da vida normal dos adolescentes. Eles têm tudo certinho porque têm tudo na mão... se fugiu do roteiro, não sabem fazer nada... diferente da nossa época.. a gente tinha que criar... as nossas brincadeiras eram criadas, as nossas diversões.” (Gustavo, C6)

“Hoje em dia não tem elaboração, né? A gente lia a enciclopédia ou a gente ia a algum lugar visitar para fazer uma pesquisa e tal... mas você tinha que elaborar depois, sintetizar. E eles não fazem isso... vem tudo pronto da internet. Recorta e cola de um lado para o outro... o famoso copy e paste.” (Mariana, C6)

Para todos os casais entrevistados, esses aspectos aparecem como uma diferença muito importante entre as gerações. Para nós, fica claro que a tecnologia é vista por dois aspectos: um positivo e o outro negativo. A rapidez do acesso à informação e as facilidades tecnológicas assumem, na visão de cinco dos sete casais entrevistados, uma conotação positiva. Porém, a inserção tecnológica gera, também, críticas, já que, por meio dela, o relacionamento, a preocupação e a comunicação entre pais e filhos modificam-se.

Ao mesmo tempo em que a tecnologia pode ser um instrumento que possibilita o conhecimento do mundo e a rapidez das informações, há também a dificuldade de conhecer quem está atrás da tela. Essa dificuldade produz, para os adolescentes, uma sensação e, para os seus pais, outra, que é a insegurança. A importância de saber com quem os adolescentes estão, quem

são os seus amigos e os pais dos mesmos, apresenta-se como uma dificuldade para o relacionamento entre pais e filhos e também para a tarefa de ser pai nos dias de hoje.

Isso nos leva a pensar que as grandes mudanças, trazidas pela contemporaneidade, assustam os pais e, como afirmam os autores que se referem aos sentimentos que a contemporaneidade produz nos sujeitos, traz também a sensação de descontrole e de confusão.

5) Consumo, violência e drogas

O aumento da violência, o consumo de bebida alcoólica e de drogas, a maior velocidade dos carros e a insegurança social são aspectos mencionados pelos pais como diferenças entre as gerações.

Como analisado no capítulo 1, no contexto da cidade do Rio de Janeiro, a situação social agravou-se nos últimos dez anos (Vianna, 2003). Esta afirmação evidencia-se no discurso de seis casais entrevistados e apresenta-se como um grande problema no momento atual do desenvolvimento dos filhos. A sensação de deriva se impõe na contemporaneidade. Os laços afetivos e os ideais sociais apresentam-se enfraquecidos, obrigando cada sujeito, individualmente, a criar seus próprios referenciais. Apesar da grande liberdade que essa condição produz, o preço a ser pago é o de uma grande insegurança.

“Eu acho que havia violência na minha época sim. Isso não é de agora, pode dizer que isso tá mais à flor da pele do que antes”. (Guilherme, C2)

“A diferença é que você vivia em uma cidade muito menos violenta. Não tinha a preocupação que nós temos, essa violência... é realmente totalmente diferente”. (Marcelo, C7)

“A segurança hoje é muito menor do que era, né? Carros muito mais velozes dão muito mais insegurança. A bebida também é muito mais liberada do que no nosso tempo. Quer dizer... então... isso preocupa muito mais do que no passado, né?”. (Hélio, C1)

“É muito diferente da minha adolescência. Eu andava na rua sozinho, de madrugada... não tem esse problema que tem hoje. As balas perdidas, roubo... na minha época era briga na mão. Então, é muito diferente de hoje em dia, muito diferente...” (Leonardo, C5)

Juntamente à sensação de confusão e de descontrole frente ao momento do ciclo de vida da família com adolescentes e tudo o que ele inclui, os pais mostram-se preocupados em relação às dificuldades sociais da cidade onde vivem e criam seus filhos.

Cinco casais referem-se ao acesso às drogas e ao uso delas, inclusive do álcool, como aspectos relacionados à violência. Contudo, para os pais, a droga não é vista somente atrelada às características do contexto contemporâneo, mas também dentro da especificidade da fase adolescente. A maior propagação e o maior acesso às drogas é, hoje em dia, um fato. Tanto nas escolas quanto nas festas, seja ela ilícita ou lícita, o seu uso e o seu acesso vêm aumentando.

“É na adolescência que acontece o sexo, é na adolescência que você experimenta as drogas, que você experimenta o álcool.” (Juliana, C5)

“Acho que a bebida, a maconha, tudo existe do mesmo jeito que existia antes, entendeu? Só que hoje, é o que eu tô te falando... o acesso é mais fácil... É muito mais... eu acho, na minha época não... não era assim tão fácil...” (Rubens, C3)

“Uma das minhas maiores preocupações está ligada a violência que é o vício... as más companhias e os adolescentes viciados. Isso estraga qualquer família, a família inteira.” (Leonardo, C5)

Mesmo sendo um fator preocupante para os pais da contemporaneidade, devido à maior facilidade de acesso às drogas, o uso e a sua existência são apontados pelos pais como semelhantes à sua geração.

6) Relações de gênero e sexualidade

As mudanças no papel desempenhado pelas mulheres no mundo atual e, sobretudo, as transformações relativas à sexualidade feminina são mencionadas como diferenças e citadas, exclusivamente, por três homens dos casais entrevistados.

Como afirma Roudinesco (2003), adventos como a pílula anticoncepcional e o movimento feminista são alguns fatores relacionados à emancipação feminina que desconstruem os referenciais considerados tradicionais e introduzem novos valores à sociedade.

“O que você (esposa) está querendo dizer que o fato da mulher hoje... assim... ter mais igualdade na relação do que no passado. A relação não era tão equilibrada, então a mulher questiona muito mais... tá certo... tá no direito dela. O homem tem muito o que mudar ainda, né? Parar com essa coisa de em casa o homem só ajuda...” (Hélio, C1)

“Acho que o que mudou muito, em relação à nossa época, foi o lado feminino. A mulherada de hoje. A minha filha de 16 anos, uma boa parte da sala dela namora modernamente, até o final... as meninas transam hoje em dia com um mês de namoro. Menos a minha filha...” (risos) (Rubens, C3)

É interessante notar que este aspecto foi elucidado pelos homens, os pais entrevistados. Isso nos leva a pensar que são os homens que sentem essa mudança de forma mais intensa do que as mulheres.

Apenas um dos pais entrevistados menciona a sexualidade da fase adolescente, estando atento para os aspectos emocionais que essa fase implica. Tal como abordada pela literatura, as dificuldades apresentadas nessa fase dizem respeito aos lutos elaborados pelos adolescentes, que envolvem aspectos corporais e emocionais, ou seja, em um momento em que a revivescência de sentimentos infantis estão presentes. Como afirma Dolto (2004), o tempo da adolescência é entrecortado por alegrias e sofrimentos repentinos.

Além de apontar a diferença entre as gerações, Rubens (C3) explicita a tensão que acredita sofrerem seus filhos, no transcorrer dessa fase.

“É mais tenso, a tensão é maior, a cobrança de namorar também. A cobrança de namorada é uma coisa! Eu na idade deles queria jogar bola, queria passear, dançar. Hoje tem uma cobrança muito grande em relação ao namoro por causa do orkut. Fulaninho namora sicraninho. Então, a cobrança é muito maior...”
(Rubens, C3)

Podemos pensar que o fato de os demais pais não terem apontado para a questão emocional seja relativo à negação do sofrimento dos adolescentes. Segundo Zorning (1999), os pais proíbem o sofrimento dos filhos. Tal proibição decorre do fato de os pais não saberem lidar com a frustração das expectativas que têm para os seus filhos e, também, por não saberem lidar com o sofrimento dos mesmos.

7) A família com adolescentes

Quatro dos casais parentais, entrevistados por nós, referem-se aos lutos e aos sentimentos que a família com adolescentes enfrenta, corroborando os achados de Knobel, Perestrelo e Uchoa (1981) e Carter e McGoldrick (1995). Knobel, Perestrelo e Uchoa afirmam que tanto os pais quanto os adolescentes partilham os lutos que essa fase impõe: o luto pelo corpo infantil, pela identidade infantil e o luto pelos pais e pela relação da infância. Carter e McGoldrick (1995), por sua vez, assinalam que o ciclo de vida da família com adolescentes é um disparador de sentimentos de abandono e de perda, para a maioria das famílias. A transição da infância para a adolescência marca a perda da criança para a família. Não é somente o adolescente que deixa de sentir-se como criança para transformar-se em adulto e que sofre modificações, mas também a sua família que precisa relacionar-se com seus filhos de uma maneira diferente.

Os pais, acostumados a se relacionarem com o filho pequenino, possuindo um corpo e vontades de criança, deparam-se com desejos, necessidades e com outro corpo, um corpo crescido e com vontade própria.

Desse modo, a passagem por esta fase leva a família a adotar uma nova identidade, que consiste em mudanças externas e internas das diferentes relações do sistema, ou seja, da sua rede vincular. Concomitantemente a isso, na maioria das vezes, os pais estão vivenciando o envelhecimento de seus próprios pais. É também, nesse momento, que há uma reavaliação de projetos de vida nos campos pessoal, conjugal e profissional.

“Eu ando estranhando muito. Me sentindo cada vez mais (...) eu vou me sentindo é (...) desligada, coadjuvante nisso tudo. Desde que eles começaram a sair debaixo das minhas saias que foi um momento complicado e agora então, mais ainda...” (Maria, C1)

“A gente tem o mesmo sentimento dos nossos pais: ih... será que a gente tá ficando velhinho? Tamo ficando velhinhos. Eles estão começando a viver a vida deles. Enfim, é um momento em que todo o pai vai viver em um determinado momento, né?” (Hélio, C1)

“A gente foi muitas vezes à Disney... e agora eles não querem mais ir... agora você vê como é que é (...) Aquele que era o mundo mágico, a família, né? Constatar que eles cresceram, né? Então dá uma tristeza saber que não estão numa idade que (...) que a vida continua... é de doer, né? Eles estão crescendo.” (Rubens, C3)

Os fragmentos acima demonstram as vivências relativas ao processo do ciclo de vida da família com adolescentes, descrito pelos autores. O luto relaciona-se, sobretudo, à passagem dos filhos à fase adulta e a uma maior independência dos mesmos em relação aos pais. Além de terem que aprender a lidar com o crescimento dos filhos, a afirmação da chegada da idade, o envelhecimento e a finitude da vida são aspectos que permeiam esse momento descrito pelos casais entrevistados.

A fala de Maria (C1) ilustra, claramente, a dificuldade do processo de crescimento dos filhos e ressalta a independência dos mesmos como o momento mais difícil para ela nessa fase do ciclo de vida.

“Foi quando eles começaram a comandar a vida deles e eu fui percebendo que eu já não mandava, não comandava. Cada um já tinha a sua vontade, cada um fazia o que queria. Eu já não (...) quer dizer (...) saíam sozinhos e faziam tudo sozinhos. Enquanto eu comandava: vamos fazer natação! e todos eles faziam e quando todo mundo começou a não fazer o que eu queria ou que eu achava que eles deveriam fazer... e começaram a ter a vida deles, né? Isso foi muito difícil, muito difícil...” (Maria, C1)

Mesmo percebendo, no discurso de Maria, a dificuldade e o sofrimento do processo que o ciclo de vida da família com adolescentes traz, o controle está presente como um recurso que atenuaria o sofrimento, ou seja, que manteria como conhecido, controlado e previsível em um mundo com características contraditórias.

Ao mesmo tempo, a postura parental frente à “fase do ninho vazio” – etapa evolutiva familiar que se caracteriza pelo processo de independência progressiva do sujeito em relação à sua família de origem, sem rompimentos abruptos ou fugas reativas – pode referir-se também a uma particularidade da desorientação parental, frente às características do mundo contemporâneo. Os pais, desorientados, sentem o “ninho vazio” antes mesmo de os filhos saírem das suas casas para morarem fora. Eles sentem essa distância apenas por caminharem rumo à independência e terem, conseqüentemente, uma vida menos dependente de sua família de origem.

Alguns dos casais entrevistados (C1, C2, C3) referem-se ao sentimento de vazio, pertencente ao ciclo de vida da família com adolescentes. Tal como explicitada por Carter e McGoldrick (1995) e Kancyper (1999), esse processo culmina com a saída dos filhos do ambiente familiar e com a reelaboração das relações entre os demais membros da família, principalmente, entre os membros do casal.

“Você acordava no domingo, virava para mim e perguntava o que a gente vai fazer no domingo, nós dois e os três (filhos)? Quando eles acordavam, um dizia: vou à praia, o outro vou fazer aquilo e o outro eu vou fazer aquilo outro. E

a gente ficava um olhando para o outro com cara de tacho, pegava a cachorra e ia passear. Qual é o momento agora? A noite é sentar aqui nós dois com a cachorra e a gata.” (Maria, C1)

O ciclo de vida da família com adolescentes é, para Maria (C1), um disparador de sentimentos de perda, de abandono e também de retorno ao casal conjugal. Maria afirma que os moldes da família mudaram com a maior independência dos filhos e, assim, o casal encontra-se novamente em um novo momento de vida.

O processo do ciclo de vida da família desperta sentimentos fortes e intensos. Contudo, a família precisa reformular seus papéis, conferindo uma tarefa minuciosa ao jovem e a todos os seus membros. Em relação ao casal, a conjugalidade precisa ser reestruturada em novas bases, sendo esta mais uma tarefa do ciclo de vida da família com adolescentes.

O desejo de um possível retorno dos filhos ao núcleo familiar, com a futura chegada de netos, é apontado por dois dos casais entrevistados. Maria (C1) explicita este desejo.

“Um filho fica um pouco mais velho e aí começa a namorar. Daqui a pouco, tá casando, quer dizer, aí volta aquela relação a ser mais próxima... É o normal, aí vem neto, né?” (Maria, C1)

O desejo, a possibilidade e a expectativa de um retorno dos filhos ao núcleo familiar parecem aliviar esse momento de sofrimento e ressignificação para o casal parental. Parece-nos que, em um momento difícil, tal como o da experiência de crescimento dos filhos e dos lutos que ela implica, a esperança deste retorno ameniza o sofrimento.

8) Expectativas

A expectativa parental é muito importante na constituição subjetiva individual e é própria da constituição da filiação. Tal como afirma Kancyper: “a história do adolescente nasce antes de seu nascimento” (1999, p.85). É a

partir do desejo parental que o desejo individual pode formar-se. É também por meio do suporte parental e do investimento narcísico do mesmo que o sujeito torna-se capaz de constituir-se como tal. Aulagnier (1999) acrescenta que, a partir do investimento libidinal parental, o Eu pode existir, o que possibilita a construção de uma história singular. Para a autora, o Eu habita e investe em um corpo marcado pela história familiar.

Como a comparação entre as gerações permeia todas as entrevistas, esse tópico não foi diferente. As expectativas dos casais em relação a seus filhos fazem referência ao que seus pais esperavam deles quando adolescentes. Contudo, para todos os casais entrevistados, mesmo apresentando-as como iguais, percebemos que as expectativas em relação aos filhos apresentam-se de modo invertido. Enquanto os pais acreditam que os seus pais esperavam deles o casamento em primeiro lugar, a felicidade e a realização profissional, respectivamente, em segundo e terceiro lugares, os pais dos adolescentes de hoje valorizam, em primeiro plano, a realização profissional, para em seguida, esperarem as demais.

“A mesma coisa... né? O que a gente que ver é eles se realizando profissionalmente, com certeza, fazendo o que gostam vão ser bons profissionais. Sempre procurei passar isso para eles, não pensar em dinheiro. Pensar em fazer o que gosta, fazendo o que gosta você vai fazer bem feito, vais ser um bom profissional e o dinheiro tende a vir, né? E no nível pessoal, encontrar, né? A pessoa... a cara-metade... entendeu? Fazer feliz...” (Hélio, C2)

“Eu quero que eles cresçam, se identifiquem com a profissão, sejam felizes na profissão que escolherem, com os parceiros que escolherem e com a gente também. A gente bem velhinhos com eles perto da gente. Eu acho que é isso que todos os pais querem, a felicidade deles e que a gente faça parte dessa felicidade também... né?” (Rubens, C3)

“Quero que ela seja feliz. A gente não faz cobrança, orienta. Eu espero que ela chegue em algum lugar, a alguma coisa que não a frustrar (...), porque o que eu quero é o seguinte, é ter um bom equilíbrio emocional. Se não for juíza, que ela

seja uma defensora (...), que ela seja uma boa advogada, que ela seja defensora... para a gente tá ótimo...” (Marcelo, C7)

Fica nítido, no discurso do casal parental, que a história da família se propaga nas gerações seguintes. A marca da história familiar se faz presente nas expectativas dos pais para o futuro dos seus filhos. Essa marca parece-nos ser tão significativa que os pais não percebem a inversão, feita por eles, entre o que acham que os seus pais esperavam deles e o que eles esperam de seus filhos. Podemos pensar que esta marca familiar, própria da constituição subjetiva e indispensável à vida dos sujeitos, surge nitidamente. Contudo, podemos pensar que este fato também pode ocorrer devido aos pais, com filhos adolescentes, ainda estarem no processo de distanciamento da infância de seus filhos. Desse modo, separar e dissociar a história parental da história individual do filho torna-se uma tarefa ainda mais difícil. Tal como afirma Sarti (2004), o adolescente ocupa um lugar para os adultos, sendo o objeto de expectativas dos pais, ao mesmo tempo em que possui um rumo de vida traçado previamente por eles.

Quando perguntados sobre o que os pais dos adolescentes acham que seus pais esperavam deles, alguns dos casais hesitaram em responder, apresentando dificuldade de pensar sobre o fato. Os casais C1 e C5 dizem que não conseguem imaginar tal resposta e, somente depois de refletirem um pouco, respondem.

“Nunca perguntei para a minha mãe o que ela esperava de mim... você quer que eu ligue para ela e pergunte?” (risos) (Juliana, C5)

“Nunca pensei sobre isso... mas a gente vai falando e vai lembrando, né?” (Maria, C1)

Essa dificuldade de reportar-se ao que os seus pais esperavam deles leva-nos a pensar no distanciamento entre pais e filhos, referido pela maioria dos casais nos seus tempos de criação. Diferentemente dos dias atuais, nos quais há, na relação entre pais e filhos, a valorização da igualdade e da

amizade, nos chamados tempos tradicionais, esta relação era baseada no respeito e na hierarquia, ou seja, em certo distanciamento e rigidez.

O casamento e a felicidade aparecem, na visão dos pais dos pais dos adolescentes, como as principais expectativas de seus próprios pais, tal como ilustram as falas de Mariana, Hélio e Fernanda.

“Meus pais esperavam que eu e minha irmã nos casássemos, que constituíssemos família, que tivéssemos uma vida normal, com sucesso profissional.” (Mariana, C6)

“O que a gente acabou realizando, né? Tentar casar com uma pessoa que fosse, né? Com o mesmo nível e escolaridade, de educação, social... Quer dizer, trabalho. Qual era o sonho de qualquer pai? Ver a pessoa estudando, né? Concretizar aquela expectativa profissional, é uma coisa assim... o tradicional. Não desviou, em nenhum momento da rota que eles traçaram... dentro da cabeça deles mesmos...” (Hélio, C1)

Minha mãe esperava que eu casasse com um italiano, que eu fosse uma boa dona de casa. Claro que quando eu fiz o vestibular ela ficou muito feliz. Para o meu pai eu nem falei, porque o meu pai achava que era um absurdo uma mulher fazer faculade, né? Ainda tinha esse tabu. A moça era feita para casar e não para estudar. (Fernanda, C7)

Em nossa análise, as expectativas parentais dos pais dos pais dos adolescentes estão atreladas ao casamento. A felicidade está, em primeiro plano, relacionada à formação da família e ao encontro do amor, em segundo plano, surge o trabalho.

O mercado de trabalho é citado por todos os casais entrevistados. Esse item é descrito tanto como uma diferença geracional quanto como uma das expectativas contemporâneas frente ao futuro dos filhos. O alto nível de exigência e as cobranças dos pais e da sociedade contemporânea, referentes à profissionalização dos jovens, são apontados por todos os casais.

Corroborando as idéias de Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães (2006), as falas ilustram que exigências individuais e profissionais, valorizadas pela sociedade contemporânea, trazem ressonâncias para o convívio familiar.

“Hoje eu acho que você tem que estudar muito porque tem muita gente preparada em bons colégios e eu acho que se a pessoa puder proporcionar melhores colégios para o seu filho, tem que proporcionar sim. A concorrência é muito grande...” (Fernanda, C7)

“O jovem hoje é mais bem preparado, né? Para enfrentar um desafio muito maior porque o mercado de trabalho tá mais competitivo, né? A globalização exige que o profissional tenha inglês. No meu tempo o inglês era um upgrade, né? Hoje não... você precisa de um segundo idioma, um MBA. Isso tem que fazer.” (Hélio, C1)

Para os pais entrevistados, o mercado de trabalho é um assunto muito importante. A preparação dos filhos para o mercado de trabalho competitivo soa, em nossa análise, como um valor percebido, a ser transmitido somente no contexto atual – o contemporâneo. A situação profissional, o mercado de trabalho e as realizações profissionais são itens sobre os quais os pais falam exaustivamente, o que reforça a grande importância deste aspecto, na visão dos pais, hoje em dia. Mesmo os pais dos pais transmitindo o valor do trabalho, percebe-se, na fala dos entrevistados, a mudança na cobrança e na exigência se compararmos o que os pais dos pais dos adolescentes esperavam deles e o que os pais dos adolescentes esperam de seus filhos hoje em dia.

Fernanda (C7) confirma, de forma significativa, a importância do trabalho para as expectativas dos casais com filhos adolescentes, na contemporaneidade.

“Eu penso muito nisso para a minha filha. Não dependa de namorado, não dependa de marido, não dependa de ninguém. Case com a sua profissão e depois você arranja uma pessoa que você ama. Veja se é aquela pessoa que você quer e depois pense em casamento e aí, só depois, em filhos”. (Fernanda, C7)

A fala, explicitada acima, equipara a relação de um casamento com a profissão, assumindo, assim, a importante valorização da profissão para esta família. Acreditamos que essa visão é cada vez mais comum nos dias atuais. Em função das grandes exigências profissionais e das características contemporâneas, tais como o consumismo, a competitividade e o individualismo, os pais desejam que seus filhos coloquem, em primeiro plano, a carreira profissional.

Segundo Roudinesco (2003), o desejo dos pais de que os filhos sejam, ao mesmo tempo, idênticos e diferentes deles está na base da identificação parental. Quando nos referimos à família com adolescentes, as expectativas são aspectos fundamentais, pois crescer significa revitalizar as referências familiares, desnaturalizando-as. Esse processo permite a singularização frente aos modelos parentais, o que envolve aspectos subjetivos e familiares, ou seja, é uma trama complexa de relações e desejos que promovem expectativas nem sempre atendidas e/ou superadas.

Os pais que relatam terem vindo de famílias pobres dizem que seus pais esperavam deles ou uma radical mudança em suas vidas, para que não repetissem as dificuldades por que passaram, ou a continuação e perpetuação do modo de vida da família de origem. Guilherme (C2) e Leonardo (C5) afirmam que seus pais esperavam, para suas vidas, um futuro totalmente diferente do que eles tiveram.

“Meu pai queria que eu me formasse, né? Ele veio da Bahia, foi para a Marinha e foi para a Guerra. Ele estudou depois de tudo isso, só terminou o primário porque fez supletivo. Ele queria que a gente fizesse o curso superior. Ele queria que eu fosse engenheiro.” (Guilherme, C2)

“A história do meu pai é muito bonita... porque ele veio de Minas muito cedo, semi-analfabeto e ele tinha um sonho. A vida dele foi toda isso, né? Até fico triste de falar dessa história do meu pai. Ele conseguiu o que ele queria, formar os filhos para que a gente conseguisse alguma coisa.” (Leonardo, C5)

Nessa mesma linha de pensamento, Rafael (C4) e Gustavo (C6) dizem que, mesmo tendo uma infância difícil, acham que seus pais esperavam que eles dessem continuidade ao seu esforço de construção da vida familiar.

“Ah... ele esperava uma sucessão (no comércio da família). Que eu ficasse por lá pela Bahia tocando as coisas, cuidando das coisas que ele tinha. Poderia ter vindo para cá, mas não assim tão rápido, aos 13 anos (...) assim que ele morreu. Eu vim primeiro, depois minha mãe e acabou vindo todo mundo.”
(Rafael, C4)

“Ele esperava que eu casasse, que constituísse família e tivesse sucesso profissional, mas nada muito grande, porque meus pais vieram lá de baixo mesmo, deram um duro danado para conseguir as coisas. Ele esperava que eu desse continuidade ao esforço que ele teve... e isso eu fiz...” (Gustavo, C6)

Nos exemplos acima, fica nítida a afirmação das expectativas parentais. Elas indicam que o desejo dos pais é que os filhos sejam, ao mesmo tempo, idênticos e diferentes deles. Tanto as expectativas dos pais de Guilherme e Leonardo, em terem uma vida totalmente diferente da que os seus pais tiveram, quanto dos pais de Rafael e Gustavo, em darem continuidade à vida de seus pais, apresentam-se, para nós, como uma missão familiar. Esta missão parece-nos muito forte e legítima a literatura que aborda este tema. Como vimos no capítulo anterior, ao mesmo tempo em que as expectativas são fundamentais, elas podem tornar-se um foco de dificuldades entre pais e filhos. Essa dificuldade do relacionamento entre pais e filhos não aparece em nossos dados, porém constatamos que há um sofrimento e um dever transmitido entre as gerações.

Os pais que tiveram uma vida, segundo eles, difícil e sofrida, esperam que os filhos se tornem independentes para que, assim, eles possam aproveitar algum tempo sem as preocupações que os filhos demandam. Como descrito por Bauman (2004), sentir-se livre da responsabilidade dos filhos é um sentimento dos pais do mundo pós-moderno. Os mesmos pais, que se sentem “adolescentificados” e que valorizam a juventude tal como a sociedade pós-

moderna, desejam aproveitar o tempo que lhes resta antes do retorno à família, como é o caso da velhice.

“Eu acho que uma parte da minha vida foi totalmente dedicado para elas (filhas), mas eu acho que tem que ter um limite. Ficar com esse negócio de segurar a vida delas até os 30 anos, depois pouco tempo me resta. Eu não sei se eu quero morar aqui no Rio de Janeiro. Acho que chegou um momento que eu posso querer sair daqui e não posso deixar de tomar a minha decisão em função delas, entendeu? Mas isso vai inibir a minha vontade. Se eu quiser morar em outro lugar no país, não vou poder porque eu tenho filhas que eu não posso deixar sozinhas (...) Isso é meio complicado. Eu queria que elas estivessem preparadas para encarar a vida delas normalmente. Tirar de casa eu não vou tirar, mas eu queria ter a minha vida.”(Gustavo, C6)

“A gente está para apoiar, para dar apoio, procurar escutar, ensinar, mas a vida é dele. Então, a responsabilidade tem que estar presente na criação, para que a coisa fique mais leve para a gente, porque a gente não tem que ficar responsável pelo filho pela vida inteira. É muito pesado para quem teve a vida como eu tive... de começar cedo, perder o pai cedo e fica a vida toda com essa carga... Então, daqui a mais uns anos, eu quero passear um pouquinho, passear, né?” (Rafael, C4)

Os pais dos casais C2, C4, C5 e C6, pelo fato de terem iniciado as responsabilidades desde muito cedo, esperam dos seus filhos a possibilidade de aproveitar o tempo que lhes resta da vida sem a intensa preocupação de ter os filhos dependentes por muito tempo. Diferentemente da literatura revisada, que afirma que os pais desejam o prolongamento da adolescência de seus filhos e a permanência destes na casa de seus pais, os pais entrevistados apontam que o apoio e a presença parentais são apenas passageiros e não devem perdurar por muito tempo.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que há a dificuldade dos pais dos adolescentes, devido aos entraves sociais e emocionais para impulsionarem seus filhos em direção à vida adulta, esses pais parecem reatualizar e ressignificar as suas histórias a partir das expectativas de seus pais. Isso

corroborar a idéia de Sampaio (2004), que considera as diferenças entre as gerações como um traço essencial da família “saudável”, sendo necessário haver opiniões diferentes e confronto de idéias.